

Dança
24, 25 de janeiro 2014

Fica no Singelo

pela Companhia Clara Andermatt

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Direção e coreografia Clara Andermatt **Direção musical** Luís Pedro Madeira e Clara Andermatt
Composição Luís Pedro Madeira **Intérpretes criadores** André Cabral, Bruno Alves, Francisca Pinto, Joana Lopes, Linora Dinga, Sergio Cobos, Catarina Moura, Luís Peixoto, Quiné Teles
Desenho de luz José Álvaro Correia **Figurinos** José António Tenente **Paisagem sonora eletrónica** Jonas Runa **Consultadoria e pesquisa antropológica** Sophie Coquelin **Repertório de danças tradicionais** Mercedes Prieto e Ana Silvestre **Operação de luz** Miguel Abelho **Operação de som** Luís Santos
Produção Companhia Clara Andermatt **Parceria** PédeXumbo **Apoio** Musibéria
Coprodução Culturgest, Teatro Nacional S. João, Teatro Viriato e Centro Cultural Vila Flôr **Agradecimentos** Conceição Correia, Associação Filarmónica 25 de Setembro de Montemor-o-Velho, Interpress, Manuel Louzã Henriques, Salazar Pinheiro.

Fica no Singelo foi estreado a 13 de dezembro de 2013 no Teatro Viriato, Viseu. Após estas apresentações na Culturgest, será apresentado a 6 de fevereiro no Centro Cultural Vila Flor, Guimarães, a 27 de setembro no Festival Materiais Diversos, Teatro Virgínia, Torres Novas e a 6 e 7 de junho no Teatro Nacional São João, Porto.

Na sexta-feira 24, após o espetáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1. No sábado 25, após o espetáculo, haverá um baile no palco.

Sex 24, sáb 25 de janeiro
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h15 · M3

Costumes que exprimem a alma. A nossa, a de agora e de um outro tempo. Um tempo-terreno vinculado aos ciclos da natureza, circular e mutante.

Nos rituais, nas celebrações, nas vozes, nas histórias, no trabalho...

Tudo envolve o corpo, a dança e a música. Do vazio ao Amor.

Cadências repetitivas que atenuam o cansaço e estimulam o fôlego. Por necessidade e defesa o corpo chega a estados hipnóticos.

Somos apenas nós e nós com o outro, somos todos porque é preciso, porque se quer. Na companhia, na crença, na tarefa, no apaziguar da solidão.

Em roda, em linha. Em pares, em bando.

Momentos de espera ou humildade ou beleza ou alegria. Assim, singelo.

C. A.

O tempo é veloz, apressa-te o passo, os indícios que interpretas hoje são a retórica do passado logo adiante, ali, vida fora. A tua perda constante não é só do tempo, quebras todos os dias a promessa que ontem depositaste no dia de hoje, com ou sem dor, perdes fulgor, perdes gente, perdes sentido.

Ganhas porém a nitidez do todo, a precisão do olhar. Reconheces a ordem, o desenho da tua face no espelho da tua vida, reconheces a memória da alegria e do desgosto na mesma paisagem antiga, no velho mês de julho, no cheiro da chuva, na cor da resina.

A contemporaneidade é extemporânea neste miradouro do tempo. Daqui vês chegar o novo inverno, semelhante àquele antes dele, semelhante

a todos os outros mas tão particular por só chegar agora, por não fazer ainda parte do acervo de tempo que o tempo acumula na memória infinita do mundo. É este instante, a tua volátil contemporaneidade.

Olhas os velhos do largo comentando o vento norte e adivinhas uma ciência esparsa, feita de sabedorias herdadas ao longo de muitas gerações, que agora se perde, sem préstimo e sem remorso. Olhas o granito das casas que cheiram a fumo e alguma coisa te apela, vinda da imanência de uma memória que talvez nem seja a tua, mas que atravessa a tua pele e que tem o timbre da tua própria voz. Olhas os sulcos na terra e pensas na guerra de amor e ódio que sempre travaste com ela, em representação de alguém que te deixou esse legado, esse vetusto antepassado buscando a sobrevivência e sonhando com a abundância ou amargando penúrias esfaimadas. Olhas enfim o chão onde te calhou nascer como se o interrogasses, porque presentes que algo muito importante te pode ser dito pela miríade de sentidos que a geografia destes lugares encerra. Este é o teu chão!

O que procuras saber é pouco menos do que o que és, talvez mais. Procuras confirmar a sensação de que algo muito parecido com a tua vida já aconteceu por aqui, algo menos semelhante à voracidade dos teus movimentos mais ambiciosos do que ao incerto vagar da tua alma e da alma de outros antes de ti. Algo que te constitui num significado do tempo.

E então ouves a música, a toada metálica da braguesa, o troar da pele

dos tambores, a flauta dos pastores alinhada ao sopro do vento. É a música que embalou os berços, que animou os bailes, que assanhou o amor, que festejou as colheitas, que ritmou o labor nos campos, no mar, nas pedreiras, nas eiras, a música que chorou as mortes e celebrou a vida em todos os momentos em que o tempo respirou, desde que a identidade a que sentes pertencer se fez matéria e se fez espírito.

Agora movem-se os corpos, e cada movimento está inscrito nesse longo arco que envolve a memória e anuncia o devir. São gestos novos que criam novas leituras e no entanto reconhecetes neles o calor da tua casa, um novo elo da cadeia infinita que te explica, que te sossega e que te desafia.

João Lucas

A colaboração da Associação PédeXumbo no âmbito da criação do novo espetáculo da Companhia Clara Andermatt assentou num diálogo em torno de conceitos como a tradição, o folclore, a revitalização, o revivalismo e o património. Prendeu-se com a necessidade de evidenciar a dança tradicional nas suas diferentes materializações atuais, em território nacional. Permitiu abordar a questão das representações associadas à reconstrução do passado e à apreensão de um mundo rural na sua relação com o urbano. Pretendeu desmistificar o exótico e procurar no imaginário coletivo uma alteridade que transforma o longínquo numa realidade dinâmica suscetível de alimentar uma reflexão sobre a identidade.

Sophie Coquelin



© Inês D'Orey

Habitar o movimento

A transmissão informal das danças tradicionais tal como o ensino da dança incluem uma dimensão implícita na qual a observação, a interpretação e a apropriação resultam de uma passagem subtil entre o fortalecimento da individualidade e a sua conformação a um coletivo gerador de normas e princípios estéticos. A repetição é um motor de incorporação, ao mesmo tempo que o contexto social e cultural modela o corpo num corpo comum. Da sua técnica às suas dimensões comunicativas e expressivas, o corpo revela-se como o centro do diálogo e a dança passa a integrar um conjunto de atividades onde o corpo é instrumentalizado: rituais, trabalho, ciclos da vida...

Este deslocamento já se encontra presente na PédeXumbo na medida em que esta privilegia não a dança mas o baile como forma artística de se relacionar com os outros. Refletir sobre o corpo cultural permite assim sair da caracterização essencialista que reduz as danças tradicionais às suas coreografias, figuras e passos. Surgem então as noções de dinâmica postural, de interações, de contexto, que nos levam a pensar sobre o modo como o corpo habita o movimento.

Para um bailarino, isto pode significar trabalhar não a amplitude mas a economia do movimento, a fluidez, procurar um corpo global, ligar de novo certas partes do corpo e investigar formas de comunicar com os outros bailarinos e com os músicos. Não se trata de um processo de simplificação, mas sim de explorar uma outra linguagem.

Para além da descoberta e do encanto que as danças sociais imprimem nas pessoas através do seu caráter relacional e performativo, há que introduzir a questão da encenação. O palco torna-se o espelho de uma sociedade através do olhar curioso e distanciado do artista. A questão da beleza entrelaça-se com a forma de interrogar não o movimento em si mas a repetição da sua experiência. Ao retirar as tensões e as expectativas, o corpo atinge um estado de libertação que o torna disponível para sublimar a simplicidade.

A contracorrente da virtuosidade, habitar o movimento é colocar todo o processo criativo no efêmero de um presente desejado intemporal e universal.

Sophie Coquelin



© Inês D'Orey



Clara Andermatt

Clara Andermatt iniciou os seus estudos de dança com Luna Andermatt. Diplomada pelo London Studio Centre e pela Royal Academy of Dancing (1980-84, Londres); foi bailarina da Companhia de Dança de Lisboa, sob a orientação de Rui Horta (1984-88), e da Companhia Metros de Ramón Oller (1989-91, Barcelona).

Em 1991, cria a sua própria companhia coreografando um vasto número de obras regularmente apresentadas em Portugal e no estrangeiro.

É em 1994 que inicia a sua colaboração com Cabo Verde, organizando várias ações de formação e realizando diversos espetáculos com bailarinos e músicos daquele país, uma cooperação que se manteve durante sete anos.

Clara Andermatt é regularmente convidada a criar para outras companhias, a lecionar em diversas escolas e a participar como coreógrafa em peças de teatro e cinema.

Ao longo da sua carreira, tem sido distinguida com diversos prémios dos quais destaca: Menção Honrosa do Prémio Acarte/Madalena Perdigão da Fundação Calouste Gulbenkian para

a coreografia *Mel* (1992); em conjunto com Paulo Ribeiro, o Prémio Acarte/Madalena Azeredo Perdigão com a obra *Dançar Cabo Verde* (1994); e Prémio Almada atribuído pelo MC e Espetáculo de Honra do Festival Internacional de Almada pela obra *Uma História da Dúvida* (1999).



Luís Pedro Madeira

Luís Pedro Madeira é natural de Coimbra. Multi-instrumentista, professor, compositor e produtor. Compõe regularmente para cinema, teatro e dança.

Participa como músico, produtor e compositor na Orquestra Láudano, Belle Chase Hotel, Wray Gunn e Pensão Flor, entre outros.

Foi sócio do Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC) durante 18 anos onde foi músico, ator e coordenador da Tocata e Cantata.

José Álvaro Correia

José Álvaro Correia iniciou o seu percurso teatral no projeto 4º Período o do



Prazer, orientado por António Fonseca. É licenciado em Design de luz pela ESMAE. Estagiou no Teatro Nacional de Bergen (Noruega) e no Núcleo de Criação Teatral do Porto Capital da Cultura. Desde então tem desenvolvido a sua atividade como desenhador de luz, realizando trabalhos para espetáculos de diversos encenadores e coreógrafos portugueses e estrangeiros, assim como para exposições, concertos, eventos de moda, exteriores, óperas e curtas-metragens. Desde 2000 dirige ações de formação na área de iluminação para espetáculos. Colabora com a ESMAE e a escola profissional Balletteatro e é coautor do *Manual Técnico de Iluminação para Espetáculos*.

José António Tenente

José António Tenente inicia a sua formação em Arquitetura. Envereda depois pela Moda, revelando em 1986 a sua primeira coleção. “TENENTE escrita” e “Amor Perfeito” são alguns dos projetos do estilista. Em 2009 edita o livro *JAT – Traços de União* e, em 2010, é comissário da exposição *Assinado por Tenente* no MUDE, em Lisboa. Recebeu vários prémios de Criador de Moda e



outras distinções como a Medalha de Mérito Cultural da Câmara Municipal de Cascais e a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique.

A conceção de figurinos tem ocupado um lugar importante no seu percurso tendo trabalhado com diversos encenadores e coreógrafos: Beatriz Batarda, Carlos Avillez, Carlos Pimenta, Lúcia Sigalho, Maria Emília Correia, Benvindo Fonseca, Clara Andermatt, Paulo Ribeiro, Rui Lopes Graça e Rui Horta, entre outros.



Jonas Runa

Jonas Runa, compositor, improvisador e musicólogo com formação em Física e Matemática (IST), licenciado em Sonologia – Composição, *Performance* e Investigação em Música Eletrónica – pelo Conservatório Real de Haia

(Holanda) e doutorando em Ciência e Tecnologia das Artes, especialização em Informática Musical. Com Jorge Lima Barreto, criou o duo musical Zul Zelub. Realizou diversos concertos com o músico, filósofo e xamã, Spiridon Shishigin, um dos maiores virtuosos do Khomus (Berimbau de boca). Compôs música para instrumentos orquestrais tradicionais, com ou sem eletrónica. Utiliza o instrumento Kyma X.



André Cabral

André Cabral iniciou o seu percurso no Hip Hop e Street Dance, fazendo formação com os criadores mais influentes internacionalmente neste estilo. Frequentou a Escola Superior de Dança e estagiou na Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo sob a direção de Vasco Wallenkamp. Trabalhou com André Mesquita na Plataforma Tok'art. Paralelamente, colabora com a Jukebox Crew e desenvolve trabalhos a solo.

Bruno Alves

Bruno Alves é bailarino, professor de dança contemporânea e instrutor de *fitness*. Licenciou-se pela Escola Superior de Dança e é certificado pelo



Centro de Estudos de Fitness. Em Portugal trabalhou com vários coreógrafos dos quais se destacam Benvindo Fonseca, Rui Horta, Olga Roriz e Silke Z. (Tanzhaus Düsseldorf). Integrou o elenco de *Identidade*, coreografia de Rafaela Salvador e interpretou o solo “In Two” coreografado por Ricardo Freire no espetáculo *Matrix*.



Joana Lopes

Joana Lopes iniciou os estudos em música e ballet em 1995, na Academia de Música Vilar do Paraíso. Paralelamente, integrou o rancho folclórico As Lavradeiras de Santa Maria Adelaide de Arcozelo. Em 2011, concluiu a licenciatura na Escola Superior de Dança, ano em que frequentou a Fontys Dansacademie (Holanda) através do programa Erasmus. Leciona ballet e dança contemporânea em diver-

nos espaços. Em 2012, participou no vídeo-dança *Sentidos – Solos de Vila do Conde*, sob a direção de Thaís Guimarães.



Francisca Pinto

Francisca Pinto concluiu os seus estudos na Escola de Dança do Conservatório Nacional em 2006. Em 2009 terminou a licenciatura pela Escola Superior de Dança de Lisboa. Frequenta o Mestrado em Ciências da Comunicação – Comunicação e Artes na FCSH. Trabalhou como intérprete e cocriadora na peça *Um qualquer...* desenvolvida com a Plural – Companhia de Dança Inclusiva. Como intérprete tem colaborado com a C.I.M. – Companhia Integrada Multidisciplinar e está, desde 2011, envolvida no novo ciclo de criações *Rélativité Générale* de Martine Pisani. Em 2013, participou no Estúdio de Criação organizado pela ACCCA.

Linora Dinga

Linora Dinga nasceu na Rússia, fez formação em danças de salão com Vera Yurievna e Sergei Petrovich e na Fontys Dansacademie (Holanda), tendo participado em espetáculos de Itamar



Serussi Sahar e Tegest Pecht Guido. Em Portugal, fez formação em jazz, sapa-teado, dança contemporânea e clássica. Encontra-se a terminar a licenciatura na Escola Superior de Dança.



Sergio Cobos

Sergio Cobos é natural de Santiago de Compostela, Galiza. É bailarino e músico de danças tradicionais da Galiza desde os 9 anos. Colaborou como bailarino em bandas de folk como Berrogueto e Marful. É fundador da Companhia de Dança Bruma.

Catarina Moura

Catarina Moura integra desde 1999 a Brigada Victor Jara, Realejo e o grupo Segue-me à Capela. Como intérprete, participou no filme *Fados* de Carlos Saura e na banda sonora da curta-



-metragem *Deus não quis*, de António Ferreira e gravou com o grupo Galego Ardentia o trabalho *Ardentia Vintage*.



Luís Peixoto

Luís Peixoto, músico multi-instrumentista, compositor e produtor musical, frequentou a Escola de Música da Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra, a Academia de Música de Lagos e o Conservatório de Coimbra. Coproduziu e interpretou trabalhos discográficos com diversos projetos, dos quais destaca *Dazkarieh*, *Stockholm Lisboa Project* e *Luís Peixoto & Fernando Barroso*. A sua carreira tem-se desenvolvido no circuito da *folk* e *world music*. Atualmente dedica-se ao novo projeto luso-galego Trim, do qual

é coautor, da banda Sebastião Antunes & Quadrilha e é músico do espetáculo *Júlio Pereira*.



Quiné Teles

Quiné Teles, Joaquim Teles, fez o Curso do Conservatório de Música do Porto e estudou com Rui Júnior nos anos 80. Fez parte das mais diversas formações musicais, desde o Jazz à Música Tradicional Portuguesa. Lecionou na Escola de Jazz do Porto. Com a Brigada Vítor Jara (1990 a 2007), participou em várias digressões. Compôs músicas para cinema, televisão e teatro. Trabalhou em diversos projetos discográficos de artistas como António Pinho Vargas, Fausto Bordalo Dias, Mário Laginha, Maria João, Pedro Abrunhosa entre outros. Atualmente toca, entre outros, com Salomé, Orquestra Todos, Helena Oliveira e dedica-se ao seu projeto a solo *Da Côr Da Madeira*.

Mercedes Prieto

Mercedes Prieto é natural da Galiza. É formada em dança pela Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa.



ções, criação artística, investigação, formação de formadores e ensino informal destinado a todas as idades. Sediada em Évora, organiza festivais em todo o país, tendo especial notoriedade o Andanças. www.pedexumbo.com

É *performer*, leciona aulas de dança e realiza animações de bailes.

Companhia Clara Andermatt

A Companhia Clara Andermatt, criada em 1991, suporta e organiza as atividades artísticas e pedagógicas da coreógrafa Clara Andermatt e presta apoio logístico e administrativo a alguns criadores com os quais partilha afinidades artísticas. Com uma presença destacada no universo da dança contemporânea, a Companhia Clara Andermatt desenvolve a sua atividade ao nível da criação, produção, difusão nacional e internacional, formação, cooperação e intercâmbio.

A Companhia Clara Andermatt é financiada pela Secretaria de Estado da Cultura / Direção-Geral das Artes. www.clara-anderematt.com

PédeXumbo – Associação para a Promoção de Música e Dança

A PédeXumbo trabalha desde 1998 na promoção da música e dança de raiz tradicional. Uma equipa profissional dedica-se à recuperação destas práticas culturais, através de registos, coprodu-

No sábado 25, após o espetáculo, haverá um baile no palco.

Mandadora Mercedes Prieto **Músicos** Sergio Cobos, Luís Peixoto e Quiné Teles
Produção Associação PédeXumbo em colaboração com a Companhia Clara Andermatt **Duração** 40 minutos

Os espectadores são convidados a participar num baile no qual podem experimentar algumas das danças que inspiraram a peça. Destacamos as valsas mandadas, prática coreográfica presente no Alentejo Litoral e hoje mais particularmente na serra que cobre os concelhos de Grândola e Santiago do Cacém. Nesta sedutora valsa de dois tempos, um mandador-bailador conduz a roda de pares através de expressões codificadas, entre as quais o famoso “Singelo”.

Apropriar-se do balanço, deixar-se guiar pelo *ostinato* da voz e pelos rodopios dos corpos permitirá prolongar o espetáculo, vivenciando o diálogo que une a música, a dança e a arte da fala. Entre reatividade, descanso e improvisação, os corpos juntam-se e alcançam o movimento pendular que leva a um estar atentos e relaxados ao mesmo tempo.

Hootenanny

Ciclo comissariado
por Ruben de Carvalho

Música De sáb 1 a qui 6 de fevereiro
21h30 · Duração: 1h30 · M3

Big James & the Chicago Playboys © Christopher Jacobs



Big James & the Chicago Playboys

Sábado 1 · Grande Auditório

Budda Power Blues

Segunda 3 · Pequeno Auditório

Eden Brent Band

Quarta 5, quinta 6 · Pequeno Auditório

Mais *blues* na Culturgest – e a manutenção de uma novidade do ano passado: a presença de uma banda portuguesa.

Na sua origem, o ciclo Hootenanny teve exatamente a ideia de contribuir para contrariar que muitas expressões de música tradicional e popular norte-americana se mantivessem no esquecimento em que se quedam face às comercialmente mais poderosas – rock, pop.

No primeiro ano fomos até aos Appalaches e ao Kentucky, mas a verdade é que ainda falta muito (muito do *bluegrass*, influências hispânicas da Califórnia, *cajun* da Louisiana, o peculiar *klezmer* de Nova Iorque...)

Entretanto, temos andado pelos *blues*! Diz-se que com geral agrado... E assim, voltaremos!

Uma explicação de certa forma se impõe: em rigor, são sobretudo os *blues* eletrificados, mais modernos, mais a Norte e não os do Delta, os que temos trazido. É que não é fácil. O tempo passa – e o Katrina passou em New Orleans. Além das leis implacáveis da vida, a tragédia dispersou para longe da Crescent City milhares de intérpretes. Muito se perdeu. Muito se continuou a sofrer.

Significativamente, o guitarrista da banda portuguesa de 2014, ao explicar a opção pela sonoridade do seu grupo, a que cintilantemente o entrevistador chama «eletrificada e abrasiva, cúmplice com a matriz rock 'n' roll», responde: «O *blues* rural, não conseguiria jamais tocá-lo pois não tenho idade nem acumulei o sofrimento suficiente. Os homens e mulheres que tocavam esse *blues* carregavam o mundo às costas e são, a meu ver, seres artisticamente superiores.»

Blues people na Culturgest.

Ruben de Carvalho

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Estagiária:

Teresa Vaz

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Inês Hipólito

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
